

MEMÓRIAS DA JOVEM GUARDA

ELEONORA ZICARI COSTA DE BRITO¹
PROFESSORA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
ZICARI@HOTMAIL.COM

Estas reflexões se baseiam em pesquisa que venho desenvolvendo acerca das representações da Jovem Guarda na mídia e na memória de seus integrantes. Nesta oportunidade, o que proponho é refletir sobre as memórias produzidas por alguns de seus integrantes, e por outros artistas não vinculados àquele movimento, procurando perceber como suas narrativas recriam o ambiente e as experiências vivenciadas nos anos 60 do século XX, reelaborando representações e identidades ligadas ao grupo. Como fonte, a pesquisa vale-se, até o momento, de relatos inscritos em entrevistas veiculadas em revistas e programas de televisão, produzidas à época e mais recentemente, e que remetem àquelas experiências, instituindo-as como memória.

Entrecruzando temporalidades

Compreendida como fomentadora de valores responsáveis pela construção de marcos identitários amplamente partilhados por boa parte da juventude brasileira, a *Jovem Guarda* constitui-se como um objeto privilegiado para a análise dos impasses e possibilidades vivenciados pela juventude dos anos 60 e 70 do século XX, no País. Um dentre inúmeros movimentos musicais que sacudiam o país no referido período, a *Jovem Guarda* foi vista por uns como responsável por conectar a juventude com representações bastante transgressoras, e por outros, como um movimento que domesticou essa mesma juventude. Revolucionário ou conservador, ou quem sabe as duas coisas, esse movimento representou, sem dúvida, um importante canal de expressão dos anseios juvenis, e ajudou a configurar o universo imaginário de boa parte da juventude brasileira.

A busca por indícios capazes de desvelar esse *imaginário*, que se acredita, encontram-se presentes, por exemplo, na produção musical do grupo, configura-se um dos objetivos desta proposta. Outro eixo procura problematizar a forma como essa experiência é reconstruída pelo trabalho de *memória* empreendido por aqueles que partilharam dessa experiência: os artistas e seu público. A pesquisa toma por *fontes documentais*, por um lado, o repertório musical do grupo, a performance de seus intérpretes, suas declarações nas mídias à época do movimento, assim como reportagens produzidas sobre a *Jovem*

¹ Doutora em História pela Universidade de Brasília onde integra o quadro de professores do Departamento de História. Coordena o Grupo de Pesquisa “História e Música”, registrado no CNPq.

Guarda durante as décadas de 60 e início dos 70; por outro, reportagens e entrevistas com artistas e fãs produzidas posteriormente, de maneira a fornecer respostas quanto à forma como no presente se constrói a memória daquela experiência, considerando-se, como bem alerta Fernando Catroga, trata-se, aqui, da questão do pertencimento “em que cada subjetividade se auto-reconhece filiada em totalidades genealógicas que, vindas do passado, se projetam no futuro.” (CATROGA, 2001:51).

Aprofundando um pouco mais o eixo da proposta voltado à reflexão sobre como se constrói a memória daquele movimento, vale lembrar que os laços do presente com o passado são criados arbitrariamente, no sentido de que escolhemos o que queremos lembrar, isso porque cada presente constrói a sua história, “não só em função da onticidade do que ocorreu, mas também das necessidades e lutas do presente.” (CATROGA, 2001a:22).

Já há algum tempo, uma produção voltada à reflexão em torno de como se processa o mecanismo de memória – (HALBWACHS, 1990); (BOSI, 1994); (POLLAK, 1989); (POLLAK, 1992); (RICOUER, 2007) – tem nos alertado de que ela representa um trabalho do presente que, para se realizar, precisa tanto da lembrança quanto do esquecimento. Esse jogo do lembrar e do esquecer remete à reflexão proposta por Adélia Meneses quando assinala que “há, por sinal, no verbo ‘esquecer-se’, em grego, uma ambigüidade extremamente significativa. Assim, ‘eu me esqueço’ pode ser entendido também como ‘eu me escondo’.” (MENESES, 1995:156).

Outro ponto importante diz respeito àquilo que Bourdieu (2006) denominou como “ilusão biográfica”. Por mais que os relatos de vida tendam a fazer parecer que a experiência relatada segue de acordo com um fluxo contínuo ou, nas palavras do autor, por “um caminho, uma estrada, uma carreira, com suas encruzilhadas (...), seus ardis, até mesmo emboscadas (...) ou com um encaminhamento (...) um percurso orientado, um deslocamento linear, unidirecional ...” (p.183), não podemos perder de vista que esse quadro é resultado de nossa necessidade de dar coerência a algo que se pauta por discontinuidades, pois o real, como lembra o autor, é “formado de elementos justapostos sem razão, todos eles únicos e tanto mais difíceis de serem apreendidos porque surgem de modo incessantemente imprevisível, fora de propósito, aleatório.”(p.185). Reflexões como essa nos alertam para o fato de que todo empreendimento biográfico/memorialístico deve problematizar a operação que faz surgir, sobre uma vida, uma descrição coerente que

somente o relato é capaz de produzir. Em outras palavras, há de se questionar a distancia que existe entre o relato de uma experiência e a experiência propriamente dita.

Os 40 anos da Jovem Guarda

11 de julho de 2006. No ar o programa *Altas Horas*, comandado por Serginho Groisman. Era um programa especial, totalmente dedicado à comemoração dos 40 anos da Jovem Guarda. No encontro, uma ausência é mais que sentida: o Rei não está presente àquela verdadeira “festa de arromba”. Entretanto, em determinado momento, já no último bloco do programa, Serginho prega uma peça na galera (sim, estamos frente a um público esmagadoramente jovem), mas também em seus convidados de honra – Erasmo, Wanderléa, Golden Boys e The Fevers – e, interrompendo a conversa, anuncia a entrada em cena de nada mais nada menos que Roberto Carlos. A câmera anda pelo palco, dirigindo-se ao túnel de onde surgem os convidados do programa e detendo-se ali por alguns segundos. Esse passeio se faz acompanhar dos gritos que vêm do auditório, da música alta que anuncia a chegada de alguém, e da perplexidade estampada no rosto dos convidados. Ninguém aparece. Serginho então conta que tudo não passou de brincadeira, mas que de fato houve o convite e que infelizmente o Rei não veio partilhar daquele encontro. Erasmo e Wanderléa reconhecem que aquilo não seria possível mesmo, e o Tremendão afirma que viu logo que se tratava de brincadeira de Serginho, e para sublinhar o que diz, lembra que já gravou uma música cujo título é “Pega na mentira”. Onde já se viu um “tremendão” cair numa pegadinha?

E assim foi no decorrer dos anos de 2005 e 2006, quando artistas ligados ao grupo/movimento da Jovem Guarda saíram, Brasil a fora, comemorando as quatro décadas que separavam esses anos daquele setembro de 1965 quando foi ao ar pela primeira vez o programa *Jovem Guarda*, apresentado todos os domingos pela TV Record, comandado pelo trio Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléa. Na oportunidade qualquer aparição em programas, revistas, jornais, especiais e nos shows da turnê que o grupo levou para diferentes partes do país, transformava-se em momentos para celebrar, relembrar, mas também e, sobretudo, construir uma memória para o movimento.

Primeiras memórias

Não que essa memória já não estivesse sendo construída há mais tempo. Exemplo disso foram as reportagens veiculadas pela revista *Realidade*, ainda em 1968, que acabaram por definir um novo padrão para se pensar a experiência da Jovem Guarda.²

Em dezembro de 1968, por exemplo, a revista publicaria uma reportagem sobre a Tropicália e um perfil do cantor Caetano Veloso. Nas duas reportagens existem depoimentos reconhecendo o valor da Jovem Guarda e de Roberto Carlos para o cenário musical brasileiro. A primeira delas reporta-se à opinião de Gal Costa sobre a representatividade do ié-ié-ié no cenário musical brasileiro:

Sempre que pode, Gal aparece nos programas de Roberto Carlos, tendo até defendido uma composição dele e de Erasmo Carlos em um recente festival. (...) Gal *recusa-se a aceitar a hipótese de um abismo entre a Jovem Guarda e o tropicalismo*. Ao contrário, entende o ié-ié-ié exatamente como uma ponte sem a qual a música brasileira ou nunca sairia do Barquinho ou se deteria no “barraco cuja porta era sem trinco”. “Independentemente de sua importância histórica, que é indiscutível, acho o Roberto genial. (...) Pra mim, o tropicalismo é exatamente isso, fazer as coisas sem medo”.³

No perfil de Caetano Veloso, o artista esclarece suas impressões sobre o panorama da música popular brasileira naquela tumultuada década, reservando importante papel ao movimento liderado por Roberto Carlos.

A Bossa Nova tinha perdido seu sentido libertário, partindo para um tipo de música quase acadêmica, buscando dessa forma sensibilizar o povo que estava mais preocupado com *coisas novas*, como os Beatles ou *Roberto Carlos*. (...) Então, ninguém se dava conta de que a evolução não parara, que *Roberto Carlos era o João Gilberto da Jovem Guarda*. Essa então era combatida como se fosse uma *praga ou uma heresia*. A meninada [da “MPB”] procurava arrumar um sotaque nordestino para lastimar a falta da reforma agrária. Eles se preocupavam com um detalhe, ao passo que *Roberto Carlos e a juventude em geral já mandavam tudo para o inferno*. *Roberto derrubou padrões estabelecidos, oficializando a tendência irreverente do brasileiro em relação à aparência dos chamados homens sérios. Ele vinha para impor um gosto livre, conseqüentemente, um uso mais livre*.⁴

Como se pode observar, algo de novo parecia fazer parte do cenário artístico brasileiro nesse final dos anos 60, marcado inclusive, ou principalmente, pela censura e perseguição aos inimigos do poder militar. O Roberto Carlos que os discursos de Gal e

² Revista *Realidade*, Editora Abril, ano III, Volume 33, dezembro de 1968.

³ BAR, Décio. “O Tropicalismo é nosso, viu?” Revista *Realidade*, Editora Abril, Ano III, Volume 33, Dezembro de 1968. p. 183.

⁴ Caetano Veloso apud BAR, Décio. “Acontece que ele é baiano”. Revista *Realidade*, Editora Abril, ano III, Volume 33, dezembro de 1968, p. 196-198. (grifos meus)

Caetano traçam distancia-se bastante da “figura” alienada que pouco mais de dois anos antes fora construída nas páginas da mesma revista. Outros tempos, novas representações.

Roberto Carlos entre duas “realidades”

Era maio de 1966 e à época, a revista *Realidade* destacava o caráter extremamente alienado tanto dos comandantes do programa quanto de seus convidados e, ainda, da multidão de fãs da Jovem Guarda, em relação aos assuntos que diziam respeito ao “mundo dos adultos”.⁵ Num tom que evidenciava um viés crítico frente a um movimento cujas mensagens pareciam bastante inconseqüentes, a reportagem propunha-se compreender o fenômeno de sucesso em que se transformou aquele movimento de jovens cujo programa que lhes servia de vitrine tornou-se rapidamente o de maior audiência no horário. Gravado em São Paulo, pela TV Record, o “vídeo-tape desse programa (...) vale ouro e faz sucesso em 5 capitais: Belo Horizonte, Rio, Recife, Porto Alegre e Curitiba, fora as cidades que estão em rede com as emissoras”, como afirmava a reportagem.

O programa evidenciou um sucesso que já se avizinhava há tempos. Rei do ié-ié-ié, “adorado pelas garôtas”, Roberto Carlos teria se transformado em “tema obrigatório dos sociólogos”. Seu comportamento era apreciado por muitos jovens, pois espelhava o velho “conflito de gerações” típico dessa fase da vida, como frisava o psicanalista Roberto Freire entrevistado na referida matéria de *Realidade*. Mas esse mesmo “rebelde” era o “maior sucesso comercial dos últimos tempos” e, além de ídolo dos jovens, revelava-se também um empresário de sucesso, um dos primeiros a transformar sua marca em lucrativos negócios.



Realidade (maio de 66)



Intervalo (maio de 66)

⁵ KALILI, Narciso. “Vejam quem chegou de repente”. *Revista Realidade*. Editora Abril. Ano I, Volume 02, maio de 1966.

O mesmo tema foi assunto de reportagem da revista *Intervalo*, em matéria intitulada “Como é o cavalheiro da canção”. “Em sua atividade artística, com o violão, ou por trás de uma escrivadinha, com o telefone, as duas faces de Roberto Carlos têm um ponto em comum: o sucesso.”⁶ Aliás, as duas revistas utilizam-se do mesmo ensaio fotográfico, como se percebe nas foto acima.

Sua paixão pelos carrões é lembrada por *Realidade* – “hoje ele tem 4 automóveis”. Símbolo “da riqueza e do poder”, Roberto Carlos admite: “Sinto-me um rei dentro do Impala”. Ele “gosta de dirigir (...) em disparada”. Ao mesmo tempo em que demonstra indiferença em relação aos “problemas dos adultos” – como política, economia –, adora as “festas de arromba”. Vive aos “beijos e abraços” com as meninas; “marca e desmarca encontros, muda de namorada e sai com duas ou três ao mesmo tempo”.

O fato é que desde a manchete da aludida reportagem de *Realidade*, percebe-se a preocupação com a “revolução da juventude” que Roberto Carlos estaria a liderar. Palavras como “rebeldia” e “revolta” informavam a maneira negativa como o movimento era absorvido por parcelas da sociedade e reforçavam algumas das representações que vinham sendo construídos sobre o movimento. A estas se juntavam as igualmente pejorativas pechas de alienado, freqüentemente lançadas ao grupo.

O depoimento do psicanalista Roberto Freire concedido à matéria a que venho aludindo, pretendia explicitar o que significava essa desordem do ponto de vista de um estudioso dos comportamentos juvenis:

Uma das causas dominantes do progresso é o choque das gerações. Os mais velhos estão sempre em oposição ao que é novo, pois não querem abrir mão do que tem e sobre o que fundamentaram e justificaram toda sua existência. Os antigos repelem tudo o que foge aos padrões tradicionais.(...)Ser jovem é ser inconformista e protestar contra o que considera superado.(...)Rebelando-se contra a sociedade, o jovem estabelece uma posição crítica, hostilizando essa sociedade sem conhecer e sem saber por quê. (REALIDADE, maio de 1966).

Enquanto em determinados períodos da história – inclusive nos anos 60 –, os jovens estariam na linha de frente de revoltas e revoluções, o discurso de *Realidade* reiteraria a cautela de uma parte da sociedade diante das mudanças propostas pela Jovem Guarda e seu principal expoente, Roberto Carlos.

⁶ Revista *Intervalo*. “Como é o cavalheiro da canção”. Ano IV, nº 175, São Paulo: Editora Abril, 15 a 21/05/1966.

O caráter rebelde e inconseqüente que a reportagem atribuía ao movimento ganharia contornos um pouco mais atenuados no restante do depoimento de Freire:

A rebeldia dos jovens, enquanto não se organiza, tem caráter anárquico, embora seja sadia e não doentia. Ela tem várias formas. A rebeldia de protesto é a mais comum, e com ela os adultos se acostumaram. É, normalmente, do mesmo tipo da rebeldia delinqüente, apenas mais atenuada. Ao invés de agredir pela força física, o jovem protesta: não pára em casa, bebe, joga, fica vagabundo. Para se opor ao tradicionalismo, deixa a barba crescer e usa cabelos compridos, calças colantes, camisas coloridas. Inventa palavras para possuir seu próprio dialeto, com o qual choca os adultos. Na sua luta contra o mundo, encontra a solidariedade dos seus. (...) Sendo assim, recorre à música e a dança para protestar, fazendo algazarra em público, numa embriaguez que as vezes chega a histeria. Roberto Carlos e todos os seus seguidores são jovens que adotaram a rebeldia de protesto. Para eles, os Beatles representam um símbolo maravilhoso de rebelião contra a sociedade dos adultos. Eles conseguem, imitando-os, serem ruidosos, vulgares, ridículos, dispondo de condições para cometer muitos crimes contra a sociedade tradicional, crimes que geralmente os pais e as autoridades reprovam. E ainda conseguem ganhar dinheiro com isso. (REALIDADE, maio de 1966).

A generalização da imagem do jovem que a reportagem em tela produziu, repercutiu na edição número quatro da revista. Na ocasião, o leitor Marcio N. Galvão dizia em carta enviada à redação:

Sr. Diretor.

Li a reportagem sobre RC e achei um dever notificá-lo de que ele não comanda a juventude brasileira. Ele está à frente, apenas, de uma revolta inconseqüente de certa parte da juventude. Mas também [há] a revolta consciente, dos que procuram uma situação melhor para nós e nossos semelhantes.⁷

A opinião do leitor critica a forma como o discurso generalizava a juventude brasileira, mas não deixa de aceitar e reforçar a representação de Roberto Carlos, construída na reportagem, do jovem que lideraria a “rebeldia delinqüente” dessa “certa parte da juventude”, conforme procurou ressaltar em sua carta.

Mas, fato é que no mesmo ano de 1968 em que Gal e Caetano formulam suas percepções sobre Jovem Guarda, nova matéria sobre Roberto Carlos é veiculada na *Realidade*. Antecipando em um mês a dos baianos, nessa Roberto Carlos é transfigurado em outro homem pela pena do psicanalista Roberto Freire que agora assina a reportagem.⁸ O ensaio fotográfico⁹ caprichado foi um recurso utilizado na reportagem e que gerou

⁷ Revista *Realidade*. Ano I, Volume 4, São Paulo: Editora Abril, julho de 1966.

⁸ FREIRE, Roberto. “Este homem procura um caminho”. Revista *Realidade*, Editora Abril. Ano III, Volume nº 32, novembro de 1968. p. 84-96. Apenas para lembrar, na reportagem anterior, de 1966, foi o mesmo Freire que, então como entrevistado, definiu os parâmetros para se pensar a “rebeldia” atribuída aos integrantes da Jovem Guarda, sobretudo a Roberto Carlos.

⁹ As imagens ficaram a cargo de Roger Bester.

imagens que dialogam com a mudança de discurso sobre o ex- rebelde Roberto Carlos, ajudando na construção de nova representação para o artista.



Realidade, 1968.

Este novo Roberto Carlos é um homem atormentado, em busca de novo caminho, de um novo som. Já na capa, somos surpreendidos com a seguinte manchete: “ROBERTO CARLOS QUERIA SER PRÊTO”. No sumário, um pequeno resumo sobre o tema que será desenvolvido na matéria: “Este homem procura um caminho – Roberto Carlos, no auge do sucesso, é um homem em crise. Busca superar-se e encontrar novas formas de comunicação.”

O jovem rebelde, agora casado,¹⁰ preocupava-se no momento em encontrar o som que faria a diferença, e que acreditava, estaria próximo daquilo que os negros norte-americanos faziam. Roberto Carlos não era mais, definitivamente aquele de dois anos e meio atrás. Nunca mais seria o representante que simbolizou mais que qualquer outro o sonho da Jovem Guarda.

Ele é retratado como um artista que atravessava mudanças perceptíveis “na voz e jeito de cantar”.¹¹ O líder da juventude delinqüente, como fora retratado antes, cedia lugar nessa reportagem ao homem mais maduro, que enfrentava incertezas quanto aos novos rumos de sua vida pessoal e profissional. Roberto Freire o define como “um profissional tenso e angustiado”.

À medida que as músicas se sucedem, noto uma profunda transformação em seu rosto. Não é mais aquela pessoa simples e alegre da convivência com os amigos e não mostra nenhuma das características de

¹⁰ Casou-se com Nice, uma mulher em tudo diferente das garotas que lotavam os auditórios de seus shows. Além de mais velha que ele, Nice era desquitada, mãe de uma filha de seu primeiro casamento e estava, naquele momento, grávida do primeiro filho do casal. O “rei da juventude” se casou às escondidas, fora do Brasil.

¹¹ *Ibidem*, p. 86.

comportamento que o fizeram famoso nas apresentações públicas. Está tenso, angustiado.¹²

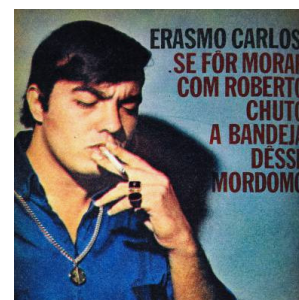
Em estudo em que procurou analisar essa mudança na representação de Roberto Carlos nas duas reportagens aqui apresentadas, Borges (2006) salienta que:

A tensão e angústia demonstradas pela reportagem viriam da mudança de rumo na carreira do artista. “Um som diferente, novo” tornaria “o jeito de cantar realmente diferente” e justificariam “as coisas estranhas acontecendo” com o cantor. A reportagem seguiu essa tônica intimista e reflexiva em torno do intérprete e as novas perspectivas quanto a sua carreira.

Acompanhar os subtítulos¹³ da matéria que dedica 10 páginas a sua crise permite que se apreendam algumas das figuras/representações que a partir de então passarão a alicerçar a construção de uma nova identidade para o rei da juventude, transfigurado, a partir de então, na imagem do “Rei”.

Tremendão e Ternurinha

Quanto aos dois outros apresentadores do programa *Jovem Guarda*, não há, na revista *Realidade*, registros dignos de nota nos anos de 66 ou 68. O mesmo não se pode dizer da revista *Intervalo*. Ali, Erasmo e Wanderléa encontraram um espaço privilegiado de apoio à construção de suas imagens.



Intervalo (maio de 1966)

Erasmo desde sempre teve sua imagem construída como antítese à de Roberto Carlos. Uma rápida passagem pelas manchetes dedicadas exclusivamente ao cantor e compositor, apenas no ano de 1966, confirma o trabalho de construção dessa representação

¹² Ibidem, p. 88.

¹³ “Voz e jeito diferentes”; “Um profissional tenso, angustiado”; “Não sei como explicar isso”; “Um som novo é o mais importante, um som diferente”; “Um mundo que ele não entende”; “Sofro, mas é uma luta que me dá grande satisfação”; “As flores no palco, importante”; “Procurem ouvir as composições dos negros americanos”; “Acho que descobri uma pista”; “Cada um escolhe o próprio caminho”.

presente nas páginas de *Intervalo*: “Erasmus é lenha no ié. ié, ié.”;¹⁴ “Erasmus denuncia panelinha da Bossa Nova”.¹⁵



Intervalo (Maio/Junho de 1966)

Quanto à Wanderléa, a imagem da jovem terna, ingênua, mas ainda assim sensual, foi sendo construída desde os primeiros números da revista dedicados à artista, como se pode observar nos exemplos aqui lembrados: “Roberto Carlos de saia conquista o Brasil. Wanderléa a ingênua sensual da Jovem Guarda”;¹⁶ “Ternurinha está amando”;¹⁷ “Wanderléa vai às compras”;¹⁸ “Somos alegres e alegria não é revolta”.¹⁹ Nesta última Wanderléa defende, em texto escrito de próprio punho, que não há motivo para o grupo a qual pertence ser considerado rebelde. Segundo ela: “Não sei porque nos chamam de revoltados: somos alegres e alegria não comporta revolta, nem ódio, nem inveja.”

Nem tão rebeldes, nem tão comportados; assim parecem ter sido os integrantes da Jovem Guarda que apreendemos pelas páginas das revistas que aqui nos serviram de guia nessa breve incursão pelo mundo do ié, ié, ié.

Em documentário de 2002²⁰ Rita Lee constrói o lugar de cada um dos três principais personagens da *Jovem Guarda*. A ênfase recai sobre Erasmo Carlos, mas a imagem/representação que lhe é atribuída constrói-se, sobretudo, pelo recurso ao contraste. Ele é o “outro” do trio:

¹⁴ *Intervalo*. “Erasmus Carlos é lenha do ié, ié, ié”. Ano IV, nº 159, São Paulo: Editora Abril, 23 a 29/01/1966.

¹⁵ *Intervalo*. “Erasmus Carlos denuncia panelinha da Bossa Nova”. Ano IV, nº 165, São Paulo: Editora Abril, 10 a 12/03/1966.

¹⁶ *Intervalo*. “Roberto Carlos de saia conquista o Brasil. Wanderléa a ingênua sensual da Jovem Guarda”. Ano III, nº 150, São Paulo: Editora Abril, 21 a 27/11/1965.

¹⁷ *Intervalo*. “Ternurinha está amando”. Ano IV, nº 177, São Paulo: Editora Abril, 29/05 a 04/06/1966.

¹⁸ *Intervalo*. “Wanderléa vai às compras”. Ano IV, nº 183, São Paulo: Editora Abril, 10 a 16/07/1966.

¹⁹ *Intervalo*. “Somos alegres e alegria não é revolta”. Ano IV, nº 176, São Paulo: Editora Abril, 22 a 28/05/1966.

²⁰ http://www.youtube.com/watch?v=KA0N2VdKk_A.

Eu fiquei assim, meio que olhando o Tremendão, assim com olhos diferentes, porque eu achei assim uma coisa bandida que me interessava muito, porque a Jovem Guarda era toda muito certinha, o Roberto era o mocinho, a Wanderléa, que eu adoro, era a mocinha, e o Erasmo nunca foi mocinho, entendeu? Ele sempre foi o bandidão.

Mas é o mesmo Erasmo que, no mesmo documentário, incitado a falar sobre o significado da Jovem Guarda tantos anos depois, e no esforço de construir uma memória que dê conta da experiência da qual foi um dos protagonistas, muito distante da imagem do “bandidão” construída por Rita Lee, mas, também por grande parte da imprensa e por ele mesmo, parece firmar suas representações sob uma base afetiva absolutamente necessária quando o que se deseja é *presentificar* o passado, reservando àquela experiência um lugar privilegiado. E é assim que ele dirá que a “Jovem Guarda”

Foi uma coisa maravilhosa. Sempre que me perguntam, inclusive, é muito difícil pra mim traduzir o que que foi a Jovem Guarda, porque *foi uma coisa muito séria que aconteceu na minha vida*; e pelo que eu sinto, pelo que eu vejo, e *hoje tenho certeza, foi uma coisa muito séria na vida de muita gente, na vida do Brasil inteiro*, por que não dizer? Porque foi uma coisa que *marcou uma época*, foi uma coisa que até hoje é sempre lembrada com todo o carinho. (grifos meus)

Do eu para o grupo, deste para o Brasil, e daí para uma época, a experiência, transfigurada em narrativa, ganha uma dimensão épica que fala por si.

Jogos de memória

Mas certamente o “bandidão” é quem estava presente quando Serginho Groisman tendo lhe perguntado sobre o primeiro trabalho de parceria que ele teria feito com Roberto (no caso, a canção *Parei na contramão*), respondeu dizendo que os dois buscaram no que então era o universo de interesse deles o tema para a canção. Em suas palavras, “ai a gente começou a ver tema, e é claro, a realidade da gente na época era **garotas, carrões**”. Serginho então pergunta se “mudou muito [essa] realidade” e Erasmo, mais tremendão que nunca, respondeu que “não, não, não mudou. Hoje são **mulheres e carrões**”.

No mesmo programa, também Wanderléa permaneceu bastante fiel à imagem de quatro décadas atrás, ancorando-se no papel da “mocinha” a que se referiu Rita Lee. Um exemplo, entre muitos, perguntada, pela enésima vez, por Serginho Groisman, se namorou ou não com algum de seus parceiros da Jovem Guarda, a eterna “ternurinha” pautou sua resposta pela mesma representação dos anos 60, ou seja, a “ingênuo sensual” da revista *Intervalo* e de muitos outros periódicos:

Naquela época tinha uma coisa assim, os rapazes queriam, assim, dominar o pedaço todo..., agora, a de casa, a família, a irmãzinha, (...) eles tinham muito cuidado (...) na verdade eu tinha vários irmãos que tomavam conta, por isso não rolou (...) como eles tomavam conta da garotada, da mulherada no Brasil, então a gente de certa forma fazia um pouco de charme e segurava um pouco a onda (...) a filha de seu Salin não era solta assim não ...

Mas não fora essa a representação que em entrevista concedida ao *Jornal do Brasil*, vinte anos antes, Wanderléa construía sobre aqueles anos de Jovem Guarda. Comemorava-se, então, vinte anos de nascimento do movimento e a cantora, em mudança de rota de sua carreira artística, lamentava-se por não ter lutado mais por cavar um lugar de maior visibilidade no trio.

Roberto e Erasmo eram incrivelmente superprotetores comigo e me davam broncas quando eu aparecia com minissaias curtas demais, ou decotes muito ousados. E isso continua até hoje. Há dois meses posei nua para a revista *Status*, com texto de Erasmo, e Roberto veio me dizer que eu não sabia cuidar da minha carreira.²¹

Lembrando Rita Lee: Roberto mocinho, Erasmo bandidão. Mas e Wanderléa? Bastante distante da imagem da eterna Ternurinha, Wanderléa, então com 40 anos, afirmava que com “tantos cuidados (...) ficou sendo uma sombra dos dois” e, segundo a reportagem, com “prejuízo para a visibilidade de seu papel histórico.”

As mulheres brasileiras eram muito carentes, com os cabelos presos com laquê e saias compridas. Eu usava saias curtas, cabelos soltos, calça comprida justa, dançava. Se o mulherio hoje tem mais jogo de cintura, eu tenho participação nisso aí. O nosso movimento foi comportamental.

Em março deste ano, foi ao ar no *Fantástico* uma entrevista de Patrícia Poeta com Roberto Carlos.²² Ao ser perguntado sobre como a *Jovem Guarda* teria influenciado os jovens daquela geração, Roberto constrói uma memória sobre aquele passado:

De uma forma muito espontânea, uma forma muito natural. Quando a gente ia para o palco, a nossa ideia era passar aquilo que a gente era na rua. Por isso, que as

²¹ “Os reis do iê-iê-iê.” *Jornal do Brasil*. Caderno Domingo. Ano 10, nº 489, 15 de setembro de 1985. Matéria de capa do caderno, cujo título, colocado logo abaixo da foto de época dos três comandantes da Jovem Guarda, era: *O Brasa, a Ternurinha e o Tremendão. Faz vinte anos*.

²² A entrevista ocorreu nas dependências da megaexposição “Roberto Carlos - 50 Anos de Música”, inaugurada em 05 de março, na Oca, no Ibirapuera. “Roberto Carlos empacotou pessoalmente centenas de corações de pelúcia e enviou as caixas para a Oca do Ibirapuera. Abriu seus armários e encaixotou os discos de ouro, fotos, presentes de fãs. Escolheu peças de roupa íntimas, organizou versões de músicas em todos os países em que foram lançadas, apontou os amigos que dariam depoimentos. Abriu o baú da “despensa real...”. Segundo o curador da exposição, “O assombroso sobre Roberto é que ele nunca esteve por baixo, sempre esteve no topo. Numa carreira de 50 anos, isso é fantástico. Mudou de gênero, flertou com muitas coisas diferentes, mas sempre fiel a suas convicções”. *O Estado de São Paulo*. Quinta-Feira, 04 de Março de 2010.

gírias, por exemplo, que a gente usava na Jovem Guarda, eram gírias que a gente ouvia na rua. Muita gente pensa que eu inventei aquelas gírias. Eu não inventei nada. Eu ouvia aquilo na rua, como “barra limpa”, “bicho”. (7/3/2010 – *Fantástico*)

Ainda por ocasião dos 40 anos da Jovem Guarda, reuniu-se em vídeo o depoimento de vários artistas que no passado participaram do programa.²³ Erasmo destaca, sobretudo, o que, segundo ele, ficou da experiência:

Bom, que a Jovem Guarda acabou, acabou, né? Acabou o programa, acabou a época, mas ficaram as músicas. Por isso é que eu canto até hoje e faço questão de cantar. Agora, não significa que a minha vida parou ali; a minha vida continuou porque eu sou um compositor, então eu tenho que estar antenado com os novos tempos. Sempre tem um tema que me fascina, um tema de agora (...) e eu tenho que me integrar com isso (...) sempre aprendendo com os jovens (...). Claro que eu ensinei, né? Então eles me ensinam agora e quem sabe se o trabalho que eu faço não torna a ensinar a outras gerações...

Em breve depoimento, Roberto destaca a “grande festa” que representavam aquelas “tardes de domingo no palco e na platéia do Teatro Record e nas casas das pessoas”. Segundo seu depoimento no mesmo vídeo, era uma festa “de alegria, de sorrisos e de canções que usavam formas simples pra falar de amor. Tudo muito simples e muito verdadeiro”. Seria o caso talvez de perguntar onde foi parar a vontade de mandar “tudo pro inferno?”. Na matéria já mencionada do *Jornal do Brasil*, a trajetória do Rei Roberto Carlos era assim descrita, 20 anos após os primeiros acordes do programa Jovem Guarda:

Num processo muito semelhante à segunda fase artística de Elvis Presley, [Roberto Carlos] transformou-se num seresteiro romântico. O roqueiro de **Negro Gato, É proibido Fumar e Calhambeque** ficou para sempre perdido nas brumas da Jovem Guarda.

O que esses jogos de memória estão a nos lembrar é que é assim, de “olho” no futuro, que o presente constrói o passado, em meio a necessários apagamentos.²⁴

Bibliografia

BORGES, Pedro Machado de Assis. *Rebeldia, alienação e angústia. Roberto Carlos na revista Realidade (1966-68)*. Monografia de Graduação apresentada ao Departamento de História da Universidade de Brasília. 2006.

BOSI, Ecléia. *Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos*. 3ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

²³ <http://www.youtube.com/watch?v=yeuAW2L10Rs>

²⁴ A esse respeito ver (KOSELLECK, 2006), (RICOUER, 2007), (CATROGA, 2001, 2001a), entre outros.

BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica” In: Marieta M. Ferreira e Janaína Amado (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 8ª ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

CATROGA, Fernando. ‘Memória e história’. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

CATROGA, Fernando. *Memória História e Historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001a.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice. 1990.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Contraponto/Editora PUC-Rio, 2006.

MENEZES, Adélia Bezerra de. *Do Poder da Palavra*. Ensaios de literatura e psicanálise. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1995.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*. Vol. 5, nº 10, Rio de Janeiro, 1992.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Vol. 2, nº 3, Rio de Janeiro, 1989.

RICOUER, Paul. *Memória, história, esquecimento*. Campinas: Edições UNICAMP, 2007.

Periódicos

Jornal do Brasil. “Os reis do iê-iê-iê”. Caderno Domingo. Ano 10, nº 489, 15 de setembro de 1985.

O Estado de São Paulo. “O novo cacique da Oca”. Quinta-Feira, 04 de Março de 2010.

Revista *Intervalo*. “Roberto Carlos de saia conquista o Brasil. Wanderléa a ingênua sensual da Jovem Guarda”. Ano III, nº 150, São Paulo: Editora Abril, 21 a 27/11/1965.

Revista *Intervalo*. “Erasmus Carlos é lenha do ié, ié, ié”. Ano IV, nº 159, São Paulo: Editora Abril, 23 a 29/01/1966.

Revista *Intervalo*. “Erasmus Carlos denuncia panelinha da Bossa Nova”. Ano IV, nº 165, São Paulo: Editora Abril, 10 a 12/03/1966.

Revista *Intervalo*. “Erasmus Carlos: se for morar com Roberto chuto a bandeja desse mordomo”. Ano IV, nº 173, São Paulo: Editora Abril, 01 a 07/05/1966.

Revista *Intervalo*. “Como é o cavaleiro da canção”. Ano IV, nº 175, São Paulo: Editora Abril, 15 a 21/05/1966.

Revista *Intervalo*. “Somos alegres e alegria não é revolta”. Ano IV, nº 176, São Paulo: Editora Abril, 22 a 28/05/1966.

Revista *Intervalo*. “Ternurinha está amando”. Ano IV, nº 177, São Paulo: Editora Abril, 29/05 a 04/06/1966.

Revista *Intervalo*. “Wanderléa vai às compras”. Ano IV, nº 183, São Paulo: Editora Abril, 10 a 16/07/1966.

Revista *Intervalo*. “Roberto Carlos de saia conquista o Brasil. Wanderléa a ingênua sensual da Jovem Guarda”. Ano III, nº 150, São Paulo: Editora Abril, 21 a 27/11/1965.

Revista *Realidade*. KALILI, Narciso. “Vejam quem chegou de repente”. Ano 1, n.º 02. São Paulo: Editora Abril, maio de 1966.

Revista *Realidade*. Ano I, Volume 4, São Paulo: Editora Abril, julho de 1966.

Revista *Realidade*. FREIRE, Roberto. “Este homem procura um caminho”. Editora Abril. Ano III, nº 32. São Paulo: Editora Abril, novembro de 1968.

Revista *Realidade*. BAR, Décio. “O Tropicalismo é nosso, viu?” Editora Abril, Ano III, Volume 33, Dezembro de 1968.

Revista *Realidade*. BAR, Décio. “Acontece que ele é baiano”. Editora Abril, Ano III, Volume 33, dezembro de 1968.